

NARRATIVA, MEMÓRIA E TERRITÓRIO: AS LENDAS DE ALTO PARAGUAI - MT, NA PERSPECTIVA DA TRÍPLICE MÍMESIS, DE PAUL RICOEUR

NARRATIVE, MEMORY AND TERRITORY: THE LEGENDS OF ALTO PARAGUAI - MT, FROM THE PERSPECTIVE OF PAUL RICOEUR'S TRIPLE MIMESIS

Lincoln Brito Comby¹
Agnaldo Rodrigues da Silva²

Data de recebimento do texto: 29/05/2026

Data de aceite: 20/06/2026

Resumo: Este artigo faz um estudo sobre as lendas de Alto Paraguai – MT, sob a perspectiva da tríplice mimesis, de Paul Ricoeur, com o objetivo de identificar a maneira pela qual as narrativas orais regionais elaboram experiências de sofrimento, medo, religiosidade e memória coletiva. Parte-se do pressuposto de que essas lendas não devem ser lidas apenas como relatos fantásticos ou curiosos, mas como formas simbólicas de interpretar o território, a vida social e os valores partilhados pela comunidade. O corpus de análise é composto pelas seguintes narrativas: *A cruz milagrosa*, *O pé de garrafa*, *A maleta* e *O enterro dos diamantes*, escolhidas pela densidade simbólica e por sua forte relação com a história local.

Palavras-chave: Lendas de Alto Paraguai. Paul Ricoeur. Tríplice mimesis. Narrativa oral.

Abstract: This article examines the legends of Alto Paraguai, Mato Grosso, through the lens of Paul Ricoeur's concept of "triple mimesis", aiming to identify how regional oral narratives articulate experiences of suffering, fear, religiosity, and collective memory. It proceeds from the premise that these legends should not be read merely as fantastic or curious tales, but as symbolic ways of interpreting the territory, social life and values shared by the community. The corpus of analysis comprises the following narratives: *A cruz milagrosa*, *O pé de garrafa*, *A maleta* and *O enterro dos diamantes*, selected for their symbolic depth and strong connection to local history.

Keywords: Legends of Alto Paraguai. Paul Ricoeur. Threefold mimesis. Oral narrative.

¹ Doutorando em Estudos Literários, pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. E-mail: lincoln.comby@unemat.br

² Doutor da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. E-mail: agnaldosilva20@unemat.br

1. Introdução

As lendas de Alto Paraguai-MT constituem um importante acervo de memória oral e de representação simbólica da experiência coletiva local. O município de Alto Paraguai localiza-se no estado de Mato Grosso, possui formação histórica vinculada aos ciclos do ouro e do diamante e abriga em seu território as nascentes do rio Paraguai (Prefeitura de Alto Paraguai, 2024). Além disso, a região integra o universo do Pantanal mato-grossense, o que reforça a relação entre território, natureza, rios, travessias, garimpos e imaginário popular na constituição das narrativas locais (MapBiomias, 2024).

A delimitação deste estudo recai sobre as lendas catalogadas e divulgadas pela professora Sunair Pereira Fonseca Batista no projeto Histórias de Alto Paraguai-MT, cuja proposta consiste em recolher narrativas da tradição oral, sobretudo junto aos moradores mais velhos, e recontá-las pela escrita em contexto escolar (Batista, s.d.). Nesse repertório encontram-se diversas narrativas populares, entre elas A cruz milagrosa, O pé de garrafa, A maleta, O enterro dos diamantes, A mulher, O couro velho, O lobisomem, As bruxas de Alto Paraguai, A carroça da meia-noite e Lagoa da princesa, entre outras, o que evidencia a riqueza do imaginário lendário do município (Batista, s.d.). Embora a cidade possua muitas outras lendas, este artigo seleciona apenas A cruz milagrosa, O pé de garrafa, A maleta e O enterro dos diamantes como corpus principal de análise, por apresentarem maior potencial para discutir sofrimento, medo, assombro, moralidade e memória do garimpo.

O problema de pesquisa pode ser formulado do seguinte modo: como as lendas de Alto Paraguai, analisadas à luz da tríplice mimesis de Paul Ricoeur, configuram experiências históricas e simbólicas da comunidade e as refiguram no horizonte interpretativo contemporâneo? Parte-se da hipótese de que essas narrativas não funcionam apenas como relatos fantásticos, mas como formas simbólicas de interpretação do território, da vida social e das tensões históricas locais. Sob essa perspectiva, a abordagem ricoeuriana permite compreender o percurso pelo qual a experiência vivida se enraíza em um mundo pré-narrativo, transforma-se em intriga e, por fim, projeta novos sentidos sobre o leitor ou ouvinte.

O objetivo geral do artigo é analisar as lendas selecionadas de Alto Paraguai-MT a partir da tríplice mimesis de Paul Ricoeur. Como objetivos específicos, pretende-se identificar os elementos de pré-compreensão do mundo da ação presentes nas narrativas, examinar a organização da intriga em cada lenda e interpretar os efeitos de refiguração

produzidos por esses relatos na compreensão da memória local, da identidade cultural e da experiência comunitária.

A justificativa do estudo reside, em primeiro lugar, na necessidade de valorizar a literatura oral de Alto Paraguai como patrimônio cultural e forma de preservação das raízes locais, em consonância com a proposta do projeto coordenado por Sunair Pereira Fonseca Batista (Batista, s.d.). Em segundo lugar, a pesquisa se mostra relevante por articular tradição oral, hermenêutica narrativa e cultura regional, evidenciando que as lendas funcionam como arquivos simbólicos de uma região historicamente marcada pelo garimpo, pela religiosidade popular e por sua inserção no universo do Pantanal mato-grossense (Prefeitura de Alto Paraguai, 2024; MapBiomias, 2024). Por fim, o estudo contribui para ampliar o diálogo entre filosofia da narrativa, memória cultural e estudos sobre oralidade, oferecendo um recorte específico, situado e analiticamente consistente sobre as lendas de Alto Paraguai.

2. Paul Ricoeur e a tríplice mimesis

Paul Ricoeur, em *Tempo e narrativa*, propõe a tríplice mimesis como um modelo hermenêutico capaz de explicar a relação entre experiência, narrativa e interpretação. Para o filósofo, “o tempo torna-se tempo humano na medida em que é articulado de modo narrativo” e, em contrapartida, a narrativa só alcança sua significação plena quando retorna ao campo da experiência temporal (Ricoeur, 2010, p. 15-16). Nessa perspectiva, a mimesis não se reduz à ideia de simples imitação da realidade, mas designa um processo complexo de mediação, no qual a experiência vivida, a configuração textual e a recepção do texto formam um arco interpretativo. Esse movimento permite compreender como a narrativa não apenas representa ações, mas também organiza o vivido e devolve ao sujeito novas possibilidades de compreensão de si e do mundo.

O primeiro momento desse processo corresponde à mimesis I, isto é, à pré-compreensão do mundo da ação. Ricoeur afirma que a composição da intriga está enraizada numa “pré-compreensão do mundo da ação, de suas estruturas inteligíveis, de seus recursos simbólicos e de seu caráter temporal” (Ricoeur, 2010, p. 96-97). Isso significa que toda narrativa pressupõe um universo prático já organizado, no qual se reconhecem agentes, objetivos, motivos, circunstâncias, interações e consequências. Antes de ser narrada, a ação humana já possui uma inteligibilidade própria, pois os sujeitos sabem distinguir quem age, por que age, em que contexto atua e quais efeitos podem decorrer de sua ação (Ricoeur,

2010, p. 97-98). Além disso, essa ação já é simbolicamente mediada, uma vez que está atravessada por signos, regras, normas e convenções culturais que a tornam legível no interior de uma comunidade. Por isso, Ricoeur sustenta que a ação pode ser narrada porque já está articulada em sistemas simbólicos que lhe conferem uma primeira significação (Ricoeur, 2010, p. 101-102). Também a temporalidade desempenha papel fundamental, pois a experiência prática já articula passado, presente e futuro, tornando a ação potencialmente narrável (Ricoeur, 2010, p. 105).

O segundo momento da tríplice mimesis é a mimesis II, que corresponde à configuração narrativa propriamente dita. Nesse estágio, a narrativa organiza acontecimentos dispersos em uma totalidade inteligível por meio da intriga. Segundo Ricoeur, a composição da intriga é a operação que “tira uma história sensata de uma diversidade de acontecimentos ou incidentes” e transforma uma simples sucessão em uma configuração significativa (Ricoeur, 2010, p. 114). A intriga, portanto, exerce uma função mediadora, pois articula elementos heterogêneos — agentes, meios, fins, circunstâncias, conflitos, reviravoltas e desfechos — em uma unidade coerente. A narrativa não apenas enumera fatos, mas estabelece relações entre eles, produzindo continuidade, direção e sentido. É nesse contexto que Ricoeur fala da abertura do “reino do como se”, espaço em que a narrativa opera uma reorganização da experiência por meio da linguagem (Ricoeur, 2010, p. 112-113). A configuração narrativa não elimina a complexidade do vivido, mas a reinscreve em uma forma capaz de torná-lo inteligível, permitindo reconhecer um tema e uma lógica interna na história narrada.

A mimesis III, por fim, designa o momento da refiguração, quando o mundo do texto encontra o mundo do leitor ou do ouvinte. Ricoeur define essa etapa como a “interseção entre o mundo do texto e o mundo no qual a ação efetiva se desdobra e desdobra sua temporalidade específica” (Ricoeur, 2010, p. 123). A leitura, nesse sentido, não é uma recepção passiva, mas uma apropriação interpretativa pela qual o texto projeta novas possibilidades de compreensão sobre a experiência humana. Ao entrar no campo da comunicação, a narrativa retorna ao mundo vivido e o transforma, pois amplia a legibilidade da ação e reconfigura a experiência temporal do sujeito. Ricoeur observa que a ação humana pode ser “sobressignificada” porque já era previamente significada no plano simbólico, e a narrativa intensifica essa legibilidade ao oferecer uma nova mediação interpretativa (Ricoeur, 2010, p. 139). Assim, a tríplice mimesis completa um arco hermenêutico no qual a experiência prática, a configuração textual e a recepção leitora se articulam

dinamicamente. Mais do que um esquema formal, trata-se de um modelo teórico que permite compreender a narrativa como lugar de mediação entre vida, linguagem e interpretação, mostrando que contar uma história é sempre também reinterpretar o tempo e refigurar o sentido da experiência humana.

3. Alto Paraguai e a circulação das lendas

Alto Paraguai, município localizado no estado de Mato Grosso, possui uma trajetória histórica fortemente vinculada ao garimpo de ouro e diamante, atividade que marcou sua formação social e simbólica desde o século XVIII e que voltou a ganhar força em novo ciclo a partir da década de 1930, especialmente em áreas como Gatinho, Espinhal, Várzea Bonita, Afonsinho e São Pedro (Prefeitura de Alto Paraguai, 2024; IBGE, 2008; SINFRA-MT, 2025). Inserido na bacia do Alto Paraguai e associado ao Pantanal mato-grossense, o município participa de um espaço geográfico em que rios, nascentes, áreas alagáveis, matas, estradas e antigos garimpos não constituem apenas elementos físicos, mas referências fundamentais da memória coletiva e da imaginação popular (MPMT, s.d.; WWF-Brasil, s.d.). Nesse contexto, a circulação das lendas deve ser compreendida como parte de uma dinâmica cultural em que território, experiência histórica e oralidade se entrelaçam, produzindo narrativas que preservam marcas do passado e reorganizam simbolicamente a vida comunitária.

A memória local em Alto Paraguai está profundamente ligada à oralidade. As histórias transmitidas entre gerações funcionam como formas de conservar lembranças de sofrimento, medo, violência, religiosidade, práticas de trabalho e modos de habitar a região. Por essa razão, a oralidade não representa apenas um meio informal de comunicação, mas um dispositivo de elaboração cultural da experiência. O projeto *Histórias de Alto Paraguai-MT*, idealizado por Sunair Pereira Fonseca Batista, parte justamente desse princípio ao recolher narrativas orais, sobretudo de moradores mais velhos, e transformá-las em registros escritos no espaço escolar, valorizando a literatura popular do município e sua transmissão intergeracional (Batista, s.d.). Essa passagem da fala à escrita não anula a força da tradição oral; ao contrário, contribui para ampliar sua circulação, sua permanência e sua legibilidade no presente.

Nessa perspectiva, as lendas de Alto Paraguai podem ser entendidas como patrimônio simbólico, pois condensam valores, medos, normas, crenças e lembranças que ajudam a

comunidade a interpretar a si mesma. Histórias de assombração, punição, milagres, encantamentos, monstros e riquezas enterradas não devem ser lidas apenas como relatos fantásticos, mas como formas de organizar experiências sociais e afetivas em linguagem narrativa. Ao tematizarem o perigo das estradas, a violência, a culpa, a transgressão, a religiosidade popular ou a memória do garimpo, essas lendas cumprem funções de advertência, moralização, elaboração do trauma e preservação identitária. Em outras palavras, elas constituem um arquivo simbólico por meio do qual o território é narrado e a experiência coletiva se torna inteligível.

O repertório divulgado no projeto de Sunair Batista é amplo e evidencia a riqueza da tradição lendária do município. Entre as narrativas catalogadas aparecem *A cruz milagrosa*, *O pé de garrafa*, *A maleta*, *O enterro dos diamantes*, *A mulher*, *O couro velho*, *O lobisomem*, *As bruxas de Alto Paraguai*, *A carroça da meia-noite* e *Lagoa da princesa*, entre outras, todas relacionadas a temas como medo, castigo, memória do garimpo, religiosidade e assombro (Batista, s.d.). Contudo, para fins de delimitação metodológica, este artigo seleciona apenas quatro lendas como corpus de análise: *A cruz milagrosa*, *O pé de garrafa*, *A maleta* e *O enterro dos diamantes*. A escolha se justifica porque essas narrativas oferecem, de modo particularmente expressivo, elementos ligados ao sofrimento, à intriga, à memória territorial e à refiguração simbólica da experiência local, tornando-se especialmente fecundas para uma leitura à luz da tríplice mimesis de Paul Ricoeur. Desse modo, embora o município disponha de muitas outras lendas, o recorte aqui adotado permite uma análise mais concentrada e teoricamente consistente da relação entre narrativa, memória e território.

4. Análise das lendas

A leitura das lendas selecionadas de Alto Paraguai à luz da tríplice mimesis de Paul Ricoeur permite compreendê-las como formas narrativas de elaboração da experiência coletiva. Em *Tempo e narrativa*, Ricoeur afirma que a composição da intriga se enraíza em uma pré-compreensão do mundo da ação, de seus recursos simbólicos e de seu caráter temporal, e que a narrativa alcança sua plenitude quando o mundo do texto encontra o mundo do leitor (Ricoeur, 2010, p. 96-105; p. 123-139). Nesse sentido, as lendas de Alto Paraguai não se reduzem a relatos fantásticos, mas articulam experiências locais de medo, violência, religiosidade, curiosidade e riqueza, transformando-as em memória culturalmente inteligível (Batista, s.d.).

Em *A cruz milagrosa*, a mimesis I se manifesta no enraizamento da narrativa em um universo social marcado por violência, religiosidade popular, luto e busca de sentido diante de uma morte traumática. O quadro comparativo indica que a narrativa circula entre a Fazenda Velha e a praça da Igreja Matriz, reunindo figuras como o rapaz do bar, o homem bêbado, o policial-soldado, a população e os peregrinos, tendo a cruz de aroeira como centro simbólico. Esse conjunto evidencia um mundo da ação já previamente estruturado por códigos sociais e religiosos, o que corresponde ao plano da pré-figuração ricoeuriana (Ricoeur, 2010, p. 96-102). Na mimesis II, o acontecimento violento é configurado como drama narrativo e convertido em narrativa de santidade e milagre, produzindo uma intriga em que crime, sofrimento, descoberta e reconstrução religiosa passam a formar uma unidade inteligível (Ricoeur, 2010, p. 112-114). Na mimesis III, a narrativa é refigurada pela comunidade como lugar de devoção, elaboração do trauma e legitimação da justiça divina, de modo que a cruz deixa de ser apenas vestígio de um fato violento e se torna espaço de fé, peregrinação e memória coletiva (Ricoeur, 2010, p. 123-139).

Em *Pé de Garrafa*, a mimesis I aparece na pré-compreensão do espaço rural como lugar de risco, caça, travessia e confronto com forças ameaçadoras. A narrativa se situa na fronteira entre cidade e mato e mobiliza caçadores velhos, um caçador atacado e a comunidade de caçadores, tendo o próprio Pé de Garrafa como figura monstruosa central. Nesse caso, o mundo da ação já é simbolicamente inteligível porque o território da mata, os sons, o fedor, a perseguição e o assobio operam como sinais compartilhados de perigo, em consonância com a noção ricoeuriana de mediações simbólicas da ação (Ricoeur, 2010, p. 101-102). Na mimesis II, a intriga se organiza de forma progressiva: o caçador se arrisca, percebe sinais estranhos, sofre o ataque, cai e presencia a fuga do monstro. Essa sequência transforma ocorrências dispersas em uma história com unidade, tensão e desfecho, exatamente como Ricoeur descreve ao tratar da configuração narrativa (Ricoeur, 2010, p. 114). Na mimesis III, a narrativa refigura a relação da comunidade com o território, funcionando como advertência, autocontrole e educação simbólica. O monstro, mais do que um ser fantástico, torna-se uma forma narrativa de dizer que certos espaços exigem cautela e que a imprudência tem consequências (Ricoeur, 2010, p. 123-139).

Em *A maleta*, a mimesis I se funda em um universo social atravessado por curiosidade, segredo, vigilância da vida alheia e temor diante do desconhecido. O quadro comparativo mostra que a narrativa se passa no Campo de Aviação, em um bairro de casas de barro e palha, e envolve a senhora fofoqueira, o homem misterioso, a maleta com ossos e

uma carta de denúncia. Trata-se de um mundo da ação em que os comportamentos cotidianos já são dotados de significação moral, o que corresponde ao plano da pré-compreensão ricoeuriana (Ricoeur, 2010, p. 96-102). Na mimesis II, a narrativa configura uma intriga baseada em personagem, tentação, transgressão e castigo. A maleta funciona como objeto interdito, e sua abertura desencadeia a revelação perturbadora que reorganiza o enredo como advertência moral contra o bisbilhotismo (Ricoeur, 2010, p. 112-114). Na mimesis III, a narrativa retorna ao mundo do leitor como crítica social e contenção simbólica da curiosidade invasiva. Sua força não está apenas no suspense, mas na forma pela qual refigura normas de convivência e reafirma limites éticos dentro da comunidade (Ricoeur, 2010, p. 123-139).

Em *O enterro dos diamantes*, a mimesis I se estabelece sobre o fundo histórico e simbólico do garimpo, da morte prematura, da riqueza desejada e da culpa. A narrativa circula no Córrego Gatinho e na vila do Gatinho, reunindo garimpeiros, enterradores, espíritos de garimpeiros mortos, o homem que enriquece e aquele que leva um amigo, tendo os diamantes enterrados como núcleo simbólico da ação. Esse universo corresponde de modo exemplar à pré-figuração ricoeuriana, pois a experiência do garimpo já aparece mediada por valores, medos e expectativas socialmente reconhecíveis (Ricoeur, 2010, p. 96-105). Na mimesis II, a intriga se estrutura como ascensão, ocultação, revelação e punição. O diamante enterrado deixa de ser apenas riqueza material e se converte em elemento narrativo que conecta fortuna, morte e assombro em uma totalidade coerente (Ricoeur, 2010, p. 114). Na mimesis III, a narrativa refigura a memória garimpeira de Alto Paraguai ao transformar a riqueza em signo ambíguo: promessa de ascensão, mas também herança maldita. O efeito final é uma advertência contra a ganância e, ao mesmo tempo, a preservação simbólica de um passado regional profundamente ligado à exploração mineral (Prefeitura de Alto Paraguai, 2024; Ricoeur, 2010, p. 123-139).

Em conjunto, essas quatro lendas evidenciam o movimento descrito por Ricoeur: partem de um mundo da ação já simbolicamente estruturado, passam pela configuração em intrigas significativas e retornam ao horizonte comunitário como refiguração da experiência. Assim, violência, medo, curiosidade e riqueza deixam de ser apenas fatos dispersos e se tornam narrativas capazes de organizar a memória social de Alto Paraguai. Sob essa perspectiva, a tradição oral local pode ser compreendida como forma de inteligibilidade cultural, por meio da qual a comunidade interpreta seu território, seus conflitos e seus valores (Batista, s.d.; Ricoeur, 2010).

Quadro 1 – Motivo narrativo, espaço de circulação, personagens, função social e estrutura narrativa das lendas de Alto Paraguai

Lenda	Motivo narrativo	Espaço de circulação	Personagens / figuras simbólicas	Função social	Estrutura narrativa
A cruz milagrosa	Transformação de um crime brutal em narrativa de santidade e milagre.	Bairro Fazenda Velha e Praça da Igreja Matriz.	O rapaz do bar; o homem bêbado; o policial-soldado; a população; os peregrinos; a cruz de aroeira.	Elaboração de traumas e luto coletivo; legitimação de devotos; espacialização da justiça divina.	Drama social, descoberta e reconstrução religiosa.
Pé de garrafa	Aparição de um monstro assustador em espaços de caça.	Espaço de fronteira entre cidade e mato.	O Pé de Garrafa; os caçadores velhos; o caçador atacado; a comunidade de caçadores.	Alerta e precaução.	Sequência de risco, ataque, fuga e advertência.
A maleta	Mistério em torno de um objeto proibido e punição pela curiosidade.	Campo de Aviação, bairro de casas de barro e palha.	A senhora fofoqueira; o homem misterioso; a maleta com ossos; a carta de denúncia.	Limitação ao bisbilhotismo; advertência moral.	Personagem, tentação, transgressão e castigo.
Enterro dos diamantes	Triangulação entre garimpo, morte prematura e	Córrego Gatinho e	Garimpeiros; enterradores; espíritos de garimpeiros	Advertência e controle da gula por ouro.	Ascensão, ocultação,

	reaparecimento sobrenatural da riqueza.	vila do Gatinho.	mortos; o sortudo que enriquece; o que leva um amigo.		revelação e punição.
--	---	------------------	---	--	----------------------

Fonte: Elaboração própria, com base em Batista (s.d.), disponível em <https://sunairprojeto.wixsite.com/meublog/lendas-1>

Nota: Para efeito de análise no artigo, foram priorizadas as lendas *A cruz milagrosa*, *Pé de garrafa*, *A maleta* e *Enterro dos diamantes*. O quadro comparativo completo das lendas de Alto Paraguai, que serviu de base para a delimitação do corpus, encontra-se no Apêndice A.

5. Discussão dos sentidos narrativos e culturais

As lendas de Alto Paraguai evidenciam que a narrativa popular atua como forma de mediação entre experiência vivida, memória social e interpretação coletiva. À luz de Paul Ricoeur, isso significa reconhecer que tais narrativas partem de um mundo da ação já simbolicamente estruturado, são configuradas em intrigas inteligíveis e retornam à comunidade como refiguração da experiência (Ricoeur, 2010). No caso analisado, medo, sofrimento, violência, religiosidade e desejo de riqueza não aparecem como elementos dispersos, mas como núcleos de sentido que organizam a leitura cultural do território e da história local (Batista, s.d.).

5.1. Sofrimento, medo e moralidade

Um primeiro eixo de discussão refere-se à forma como as lendas transformam experiências dolorosas e ameaçadoras em narrativas moralmente inteligíveis. Em *A cruz milagrosa*, o sofrimento decorrente de um crime é reconfigurado como experiência de fé, milagre e reparação simbólica; em *Pé de Garrafa*, o medo do mato, da noite e da vulnerabilidade física ganha forma na figura monstruosa que adverte e disciplina; em *A maleta*, a curiosidade excessiva é reorganizada como transgressão punível. Em todos esses casos, a intriga narrativa não elimina a dor ou o temor, mas os torna narráveis, e, por isso mesmo, socialmente elaboráveis.

Sob o prisma ricoeuriano, essas lendas demonstram que a narrativa não apenas representa a ação, mas lhe confere inteligibilidade ao integrar acontecimentos, personagens,

motivos e consequências em uma totalidade significativa (Ricoeur, 2010, p. 112-114). O sofrimento e o medo deixam de ser meras experiências privadas e passam a circular como exempla comunitários. A moralidade, nesse contexto, não aparece como ensinamento abstrato, mas como resultado da própria configuração narrativa: o leitor ou ouvinte compreende que determinados comportamentos — imprudência, violência, bisbilhotice, profanação — geram consequências que a lenda dramatiza e fixa na memória coletiva (Ricoeur, 2010).

5.2. Garimpo, violência e memória histórica

Um segundo eixo diz respeito à relação entre as lendas e a memória histórica de Alto Paraguai. A história do município está profundamente ligada ao garimpo de ouro e diamante desde 1728, com um novo ciclo iniciado em 1938, especialmente em áreas como Gatinho, o que fornece o pano de fundo histórico para várias das narrativas locais (Prefeitura de Alto Paraguai, 2024; IBGE, 2008; SINFRA-MT, 2025). Nesse sentido, lendas como *O enterro dos diamantes* não devem ser lidas como fantasias desvinculadas do real, mas como formas narrativas de reelaborar tensões históricas ligadas à riqueza, à morte prematura, à exploração e à culpa.

Também em *A cruz milagrosa* a violência histórica é convertida em narrativa de memória, pois um fato brutal se reinscreve no espaço comunitário sob a forma de devoção e justiça divina. Ricoeur permite compreender esse processo ao mostrar que a narrativa articula tempo vivido e tempo contado, dando forma à experiência histórica por meio da intriga (Ricoeur, 2010; Fênix, 2012). Assim, as lendas preservam resíduos da história local, mas o fazem por via simbólica: o garimpo reaparece como promessa e maldição, a violência como trauma e santificação, e o território como palco onde passado e imaginação coletiva se entrecruzam (Prefeitura de Alto Paraguai, 2024; Batista, s.d.).

5.3. Refiguração e identidade coletiva

O terceiro eixo de discussão envolve a refiguração e sua relação com a identidade coletiva. Para Ricoeur, a narrativa retorna ao mundo da ação ao ser lida, escutada e apropriada, produzindo novos modos de compreender o tempo, o si e o mundo (Ricoeur, 2010, p. 123-139). No caso das lendas de Alto Paraguai, essa refiguração não opera apenas

no plano individual, mas também no nível comunitário, pois as histórias ajudam a constituir uma identidade narrativa local fundada na memória do garimpo, na religiosidade popular, no medo da mata, na circulação de segredos e na experiência compartilhada do território (Batista, s.d.).

Isso significa que as lendas funcionam como dispositivos de reconhecimento coletivo. Ao narrar monstros, cruzeiros milagrosos, maletas interditas e diamantes enterrados, a comunidade não fala apenas de seres ou objetos extraordinários; fala de si mesma, de seus valores, de seus medos, de suas perdas e de sua história. Nesse sentido, a narrativa lendária participa da constituição de uma identidade cultural porque oferece formas de nomear e interpretar a experiência comum. A identidade coletiva, aqui, não é substância fixa, mas construção narrativa continuamente retomada, atualizada e transmitida, em consonância com a concepção ricoeuriana de identidade narrativa (Ricoeur, 2010; Emblemas, 2024).

6. Considerações finais

A análise desenvolvida permitiu demonstrar que as lendas de Alto Paraguai constituem mais do que manifestações do imaginário popular: elas operam como formas narrativas de elaboração da experiência histórica e cultural da comunidade. A partir da tríplice mimesis de Paul Ricoeur, foi possível observar que essas narrativas se enraízam em um mundo da ação previamente estruturado por relações sociais, símbolos e temporalidades; são configuradas em intrigas que organizam sofrimento, medo, violência, religiosidade e riqueza; e retornam ao horizonte comunitário como refiguração da experiência e da memória (Ricoeur, 2010).

As lendas analisadas — *A cruz milagrosa*, *Pé de Garrafa*, *A malaleta* e *O enterro dos diamantes* — mostram que a oralidade local é capaz de transformar acontecimentos traumáticos, tensões morais e marcas do garimpo em narrativas de forte densidade simbólica. Nesse processo, o território de Alto Paraguai não aparece apenas como cenário, mas como espaço vivido e interpretado, onde a memória coletiva se fixa e se atualiza continuamente (Batista, s.d.; Prefeitura de Alto Paraguai, 2024). Assim, a tradição lendária do município pode ser compreendida como patrimônio simbólico e como arquivo narrativo de uma identidade coletiva que se constrói na articulação entre história, imaginação e cultura.

Por fim, o estudo confirma a fecundidade da teoria ricoeuriana para a leitura de narrativas orais regionais. A tríplice mimesis oferece um instrumental consistente para

compreender como a experiência vivida se torna narrativa e como a narrativa, por sua vez, refigura a experiência. No caso de Alto Paraguai, essa abordagem evidencia que contar lendas é também uma maneira de preservar a memória, interpretar o passado e sustentar formas coletivas de pertencimento cultural (Ricoeur, 2010; Batista, s.d.).

Referencias

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520: informação e documentação: citações em documentos: apresentação**. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.

BATISTA, Sunair Pereira Fonseca. **Histórias de Alto Paraguai - MT**. [S. l.: s. n.], s.d. Disponível em: <https://sunairprojeto.wixsite.com/meublog>. Acesso em: 15 jun. 2026.

FUNDAÇÃO INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Alto Paraguai: histórico**. [S. l.], s.d. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mt/alto-paraguai/historico>. Acesso em: 15 jun. 2026.

MAPBIOMAS. **Publicações e notas técnicas**. [S. l.], 2024. Disponível em: <https://brasil.mapbiomas.org/notas-tecnicas/>. Acesso em: 15 jun. 2026.

PREFEITURA DE ALTO PARAGUAI. **História**. Alto Paraguai, 2024. Disponível em: <https://www.altoparaguai.mt.gov.br/Institucional/Historia/>. Acesso em: 15 jun. 2026.

RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa. Vol. 1: a intriga e a narrativa histórica**. Tradução de Claudia Berliner. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

SECRETARIA DE ESTADO DE INFRAESTRUTURA E LOGÍSTICA DE MATO GROSSO. **Alto Paraguai comemora 67 anos com ações do Governo do Estado em infraestrutura e saúde**. Cuiabá, 2025. Disponível em: <https://www.sinfra.mt.gov.br/-/16079421-alto-paraguai-comemora-67-anos-com-acoes-do-governo-do-estado-em-infraestrutura-e-saude>. Acesso em: 15 jun. 2026.

APÊNDICE A – QUADRO COMPARATIVO DAS LENDAS DE ALTO PARAGUAI

O quadro comparativo a seguir sistematiza as lendas de Alto Paraguai segundo cinco eixos de leitura: motivo narrativo, espaço de circulação, personagens ou figuras simbólicas, função social e estrutura narrativa. Essa organização permite visualizar que as narrativas não circulam de modo aleatório, mas se vinculam a espaços concretos do município, a práticas de trabalho, a experiências de medo, a formas de religiosidade e a valores morais compartilhados.

As lendas reunidas neste quadro foram recolhidas pela professora Sunair Pereira Fonseca Batista e divulgadas no projeto *Histórias de Alto Paraguai-MT*, especialmente na seção dedicada às lendas do município, o que confere ao material relevância documental para a preservação da memória oral local (Batista, s.d.).

A inclusão deste quadro em apêndice tem por finalidade preservar a fluidez da argumentação no corpo do artigo e, ao mesmo tempo, disponibilizar ao leitor a base comparativa completa que sustentou a seleção e a análise das lendas discutidas ao longo do texto.

Quadro 2 – Sistematização comparativa das lendas de Alto Paraguai

Material coletado	Motivo narrativo	Espaço de circulação	Personagens/ figuras simbólicas	Função social	Estrutura narrativa
As misteriosas luzes	Aparecimento de luzes misteriosas no céu ou no espaço noturno, que despertam assombro;	espaço de fronteira entre urbano e rural;	Moradores/ testemunhas; luzes como entidade; Espíritos, almas penadas, viajantes mortos ou, em contextos deufólicos, OVNI/ seres do espaço;	Aviso e auto-proteção; Elaboração simbólica de medos coletivos; Manutenção de uma experiência mística sobre o território;	com foco na tranquilidade que precede o inesperado; o aparecimento das luzes misteriosas, descrito em termos de movimento estranho, cor incomum, brilho intenso, proximidade ameaçadora;

Papo de cordão	é a busca de cura milagrosa por meio de um ritual folclórico: a doença chamada “papo de cordão”;	No Vale do rio Pari;	O primeiro senhor; O segundo senhor; As criaturas baixinhas; A figueira;	Função moralizadora; Função de reforço de práticas comunitárias;	Foca a crença de que ficará curado se passar por baixo de uma figueira;
O passarinho encantado	a transgressão e a punição simbólica por meio de um animal encantado;	Raizama, comunidade de agricultores; A mata e a árvore da rede;	O homem cruel; O passarinho encantado; A família e a comunidade;	Moralização do comportamento; Reforço de valores comunitários; Função ecotética;	Contexto da Raizama onde um homem debocha da Quaresma e decide caçar por prazer, em seguida o crime e a punição física e a convergência comunitária; O encerramento da lenda apresenta uma explícita reflexão moral sobre responsabilidade e consequência;
Pé de garrafa	a aparição de um monstro assustador em espaços de caça;	espaço de fronteira entre cidade e mato;	O Pé de Garrafa; Os caçadores velhos e o caçador atacado; A comunidade de caçadores;	alerta e precaução;	Contexto de Alto Paraguai onde um caçador corajoso que se arrisca, ouve assobios, sente o fedor, é atacado por trás, recebe ponta-pé e murros, perde o controle da bicicleta, cai, levanta

					dolorido e apavorado, testemunhando a fuga do monstro assobiando;
A cruz milagrosa	a transformação de um crime brutal em narrativa de santidade e milagre;	Bairro Fazenda Velha e Praça da Igreja Matriz;	O rapaz do bar; O homem bêbado e o policial-soldado; A população e os peregrinos; A cruz de aroeira;	elaboração de traumas e luto coletivo; legitimação de devotos e de espacialização da justiça divina;	Um drama social, descoberta e reconstrução religiosa;
A alavanca de couro	a transformação de uma ferramenta de trabalho em objeto encantado;	Distrito de Brumado;	A alavanca; Os escravos e os senhores; Os garimpeiros contemporâneos e os idosos centenários; A água do poço e da cachoeira;	moralização da exploração;	fantasia simbólica;
A mulher das 40 facadas	a aparição de um espírito feminino enlouquecido por violência doméstica;	Na Melgueira, garimpo de ouro e diamante em Alto Paraguai;	A mulher fantasma; O marido doentio de ciúme; O senhor “corajoso”; O espírito em geral;	denúncia de violência doméstica; catarse e justiça simbólica;	estrutura de mistério, revelação e resolução através de ritual, típica de narrativas de fantasma;
A maldição	a maldição que une pecado sexual, maternidade forçada e transformação em animal;	lugar de prazer e lugar de pesadelo;	A jovem maldita (Te pega); O pai incestuoso; O marido maldito; Os filhotes e animais que aparecem no quintal;	altamente moral e pedagógica, mas também carrega forte carga de julgamento e estigmatização;	estrutura de mistério, revelação e maldição progressiva;
A mulher que virava porca	a transformação de uma mulher em porca como punição por ter abortado repetidamente;	Rua do Canoão, cabaré de Alto Paraguai;	A mulher-porca; A dona do cabaré; O homem rico; Os porquinhos (sete filhotes);	é amplamente moral e com forte carga de estigmatização da mulher sexualizada;	estrutura de ascensão social, transgressão, metamorfose e decadência;

	especialment e o sétimo filho, em meio a um contexto de prostituição, desejo e exploração econômica;		A Rua do Cabaré em si;		
O couro velho	a aparição de um ente monstruoso nas estradas do interior, que persegue viajantes noturnos, especialment e aqueles que andam sozinhos com bois;	a história atravessa três pontos: o vilarejo de Gatinho (posto de troca e mercado), a cidade e o caminho rural que leva ao Córrego Fundo, onde o homem tem sua casa;	O homem viajante noturno; O boi do compadre (e o boi do próprio homem); A bola de couro velho;	advertência e limitação de comportamen to;	segue uma estrutura de desafio, transgressão, confronto e correção;
O lobisomem de Alto Paraguai	a transmutaç ão compulsória de um homem em lobisomem, ligada a origem hereditária ou maldição materna, e condicionada a dias e momentos específicos;	é rural e noturna;	O velho lobisomem; A família de sete meninos; A mãe que lança maldição; O pau de fumo e a água morna;	advertência e auto-proteção ;	estrutura de desconfia nça, revelação e fundamentaç ão de normas populares;
As bruxas de Alto Paraguai	a transforma ção de meninas em bruxas vampíricas ligadas à condição de terem nascido sétimas em famílias com sete filhas,	espaço é domesticado pela noite e marcado por vulnerabilid ade;	As bruxas-sete; As mães e as crianças; Donos de bares; O cordão de alho e a tesoura aberta;	advertência e reafirmação de valores;	descrição de ameaça, regras defensivas e manutenção continua da lenda;

	combinando maternidade e transgressão carnívora;				
Enterro dos diamantes	a triangulação entre garimpo, morte prematura e reaparecimento sobrenatural da riqueza, que transforma os diamantes em objetos de ganância e de culpa;	Córrego Gatinho e vila do Gatinho;	Garimpeiros e enterradores; Espíritos de garimpeiros mortos; O “sortudo” que enriquece; O que leva um amigo;	advertência e controle da gula por ouro;	segue uma estrutura de ascensão, ocultação, revelação e punição;
A maleta	a transformação da fofoca e do bisbilhotismo em consequência mortal, mediada pela curiosidade em torno de um objeto proibido: a maleta;	Campo de Aviação, bairro de casas de barro e palha;	A senhora fofoqueira; O homem misterioso; A maleta com ossos; Os ossos e a carta;	de denúncia e limitação ao bisbilhotismo;	estrutura de personagem, tentação, transgressão e castigo;
A Carroça da Meia-Noite	a transformação de um crime de roubo e assassinato em narrativa de punição postergada, mediada pelo fantasma de um garimpeiro injustiçado e por uma carroça que anda sozinha à meia-noite;	centro urbano, estrada rústica, poço e cemitério;	O garimpeiro mineiro; O assassino e seus cúmplices; A carroça e o cavalo; A população de moradores;	denúncia da impunidade e da violência social;	estrutura clara de crime, ocultação, revelação, prolongamento simbólico e encerramento;

Lagoa da princesa	a transposição de um amor proibido ao âmbito do encantamento, em que a jovem amada se transforma em “princesa aquática” encarcerada por uma serpente, e o namorado tenta salvá-la por meio de metamorfose em pomba, falhando devido à traição da madrasta;	Sítio Degolado e lagoa principal;	A jovem princesa aquática; O namorado-pomba; A madrasta; A serpente gigante; Os moradores e os rapazes;	advertência sobre amor proibido e imperfeição humana; moralização sobre fidelidade, confiança e sigilo;	estrutura de romance trágico, transformação e continuidade simbólica.
--------------------------	--	-----------------------------------	---	---	---

Fonte: Elaboração própria a partir de Batista (s.d.) e do material reunido no projeto *Histórias de Alto Paraguai-MT*. Disponível em: <https://sunairprojeto.wixsite.com/meublog/lendas-1>.

Nota: O quadro foi construído com base nas lendas divulgadas pela professora Sunair Pereira Fonseca Batista na seção “Lendas” do projeto *Histórias de Alto Paraguai-MT*.